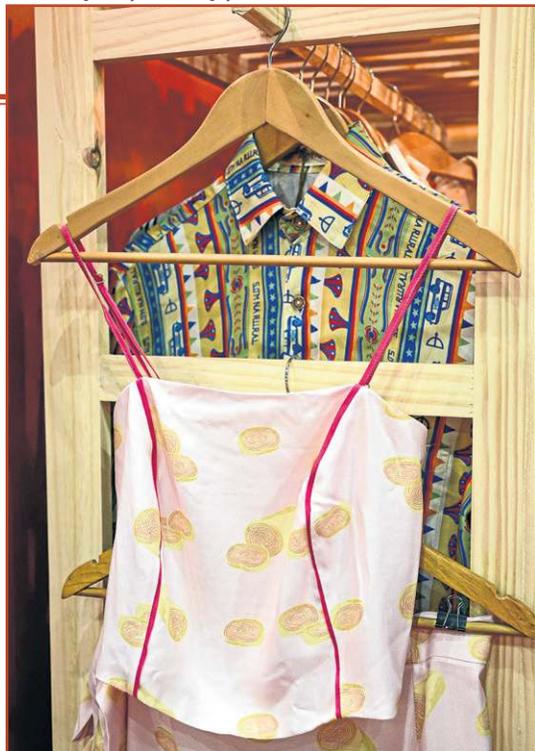


Fotos: Rodrigo Gonçalves/Divulgação



**Seu Maraca expandiu a criação para outras peças**

## Organização social privada

**Com apoio de parceiros — como o Governo de Pernambuco —, o Marco Pernambucano da Moda compartilha e soma iniciativas entre o setor produtivo, universidades e entidades de fomento e suporte para ampliar a inserção do segmento no mercado nacional e internacional.**

para que possam desenvolver seus negócios de forma competitiva e sustentável. Ele participou de um projeto de incubação de um ano e, ao final desse período, teve que apresentar uma coleção.

Foi assim que surgiram as cinco primeiras estampas autorais do Seu Maraca. “Eu sou apaixonado pelo Mangubeat. O meu filho se chama Otto por causa do cantor. E, naquele ano, o movimento completava 30 anos. As estampas falavam das periferias, e aí entrou o processo de pesquisa do historiador. Fui ver os documentários, ler os livros, ver os filmes, enfim, tudo aquilo que eu vivenciei na adolescência para contar a história do Mangubeat”, detalha.

E nada melhor do que usar os músicos do próprio movimento como garotos propaganda. Osvaldo entrou em contato com integrantes da banda Mundo Livre, com Otto, Cannibal, China e outros nomes do Mangubeat. Eles vestiram as camisas da Seu Maraca nos palcos. Hoje, além das camisas, a marca produz peças diversas, que vestem tanto homens quanto mulheres de forma agênera. Cada item conta um pouco da história de Osvaldo e de Pernambuco, fortemente presente nas coleções.

# Do rami ao mulungu

Mãe solo de dois, Patrícia Emília Freitas logo viu que o salário que recebia do emprego fixo não dava para sustentar os filhos. Era preciso arrumar uma renda extra. Como tinha habilidade manual, começou a fazer acessórios. “Na verdade, eu comprava fecho, linha, miçanga e montava as bijuterias. Eu copiava o que estava na moda, não tinha nenhuma identidade. Mas me ajudava a pagar as contas”, lembra.

Em uma feira de artesanato, Patrícia viu uma artesã que fazia uns cilindros de fio de algodão encerado, formando espécies de mandalas, usadas para fazer bijuterias. “Eu achei aquilo interessante e sabia que conseguiria fazer também”, conta. No processo de pesquisa, a pernambucana descobriu o rami, planta que tem um fio resistente e natural. “Eu comecei a fazer rodas de rami, para usá-las em brincos, colares e acessórios diversos. Aí começou a ser um trabalho mais autoral”, detalha.

Patrícia viu a necessidade de fazer cursos para se capacitar e, nessa empreitada, descobriu um projeto que ajudava designers a se profissionalizarem. “Eles conversaram comigo, perguntaram sobre minhas referências, os meus planos, o material que usava e, um mês depois, me entregaram um projeto todo pronto”, conta. Até o nome para a marca já existia: Acessórios Ramifica (@acessoriosramifica). “Naquela época (2007), nem se falava em empreendedorismo, sustentabilidade. Fiquei louca porque era um projeto muito bonito.”

Patrícia pensou: “Tenho tudo aqui, agora é comigo”. E correu atrás. A Fenearte, maior feira de artesanato da América Latina, ainda estava nas primeiras edições e, depois de muita insistência, ela conseguiu um espaço de um metro quadrado no fundo de um estande. “Em 10 dias, eu vendi 10 vezes mais do que vendia em um mês. Ali nasceu a artesã Patrícia Emília”, recorda-se. Ela largou o emprego e começou a rodar o país em feiras de artesanato.

## Transformação profissional

Com o sucesso dos seus acessórios, Patrícia viu a necessidade ampliar a criação. Um primeiro passo foi tingir o rami, que antes era trabalhado apenas em sua cor natural. Anos depois, uma nova ideia deu um novo valor aos seus produtos, até então, totalmente focados no rami. “Eu estava muito nichada, precisava expandir.” Em 2018, ela trabalhava em uma loja colaborativa com outros designers locais e um deles

Fotos: Rodrigo Gonçalves/Divulgação



**Patrícia Emília Freitas deu uma identidade aos acessórios da Ramifica**



**Madeira de mulungu e rami são as marcas registradas dos acessórios Ramifica**

produzia sapatos. Um dia, viu que vários saltos dos calçados, que estavam com falhas, seriam descartados. “Eu sempre quis trabalhar com madeira, daí pedi esses saltos para ver o que dava para criar.”

Os saltos eram de mulungu, espécie de madeira extremamente leve e maleável. Patrícia começou a cortar esse material e transformar em acessórios, mais precisamente maxicollares. “Cada peça é única, pois cada madeira tem a sua própria forma” detalha. O rami continua presente no trabalho da artesã — algumas vezes, junto com a madeira de mulungu e o couro — que ganhou identidade própria. “Por muito tempo, eu resisti em me autoneoar designer, mas hoje eu sei que sou uma designer, porque há muito design no meu trabalho”, orgulha-se.

**\*A jornalista viajou a Pernambuco a convite da Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (Adepe)**